

Apostas em nova alta dos juros

Taxas de contratos futuros disparam na BM&F. Dólar não cede, apesar de intervenção

RICARDO REGO MONTEIRO
REPÓRTER DO JB

Se depender dos movimentos do mercado futuro de juros nos últimos dois dias, o Banco Central deverá aumentar novamente a taxa básica de juros da economia, a Selic, já na próxima reunião do Comitê de Política Monetária, na terça e quarta-feiras da semana que vem. Na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), que chegou a ter as operações interrompidas pela manhã, quando as taxas atingiram o limite de 10% de variação permitido para um dia, os contratos de juros com vencimento em janeiro de 2003 encerraram em 26,3% anuais, com 33,6 mil contratos negociados. O volume total negociado na BM&F ficou em R\$ 3,2 bilhões.

Segundo os agentes do mercado, a pressão pela alta da taxa no

futuro deveu-se à certeza de que o último reajuste da Selic teria sido insuficiente para conter a volatilidade do dólar à vista. Com isso, trabalhasse com a expectativa de que a autoridade monetária deverá novamente recorrer aos juros para frear o câmbio. Tal percepção contraria, no entanto, explicações do próprio presidente Fernando Henrique Cardoso, que teria justificado a elevação dos juros como forma de conter a tendência de alta da inflação no ano que vem.

– Isso só vai ficar mais claro na próxima sexta-feira, quando o Copom vai divulgar a ata da última reunião. Lá estarão as razões do último movimento da Selic – avalia o diretor da área de derivativos da corretora Liquidez, Fábio Garcia. Tanto ele quanto Rodrigo Trotta, analista do Banco Banif-Primus, acreditam, no

entanto, que a decisão do BC tenha sido consequência das pressões inflacionárias.

A partir de sexta-feira, porém, as pressões sobre o câmbio e os juros futuros deverão diminuir, segundo o ex-diretor do BC Carlos Thadeu de Freitas. Passado o dia de amanhã, quando vencerão US\$ 3,6 bilhões em títulos cambiais e contratos de *swap* (remunerados pelas variações do dólar mais a taxa de juros), ele acredita que as cotações à vista da moeda americana e dos juros futuros deverão ceder, pelo menos até a próxima leva de vencimentos de papéis cambiais.

– Isso não quer dizer, no entanto, que o desafogo vá durar muito tempo. Provavelmente o câmbio e os juros futuros deverão voltar a ser pressionados, logo em se-

guida – afirma o ex-diretor do BC, ao prever volatilidade até o fim do ano, mesmo após a definição da equipe do próximo governo.

Ontem, o índice Bovespa – que reúne as 55 ações mais negociadas do país – fechou em alta de

0,66%, aos 8.506 pontos. O volume de negócios somou R\$ 426,147 milhões. As ações preferenciais do Itaú, no entanto, fecharam em queda de 2,64%, a R\$ 116,82, no embalo da reclassificação pela corretora americana Merrill Lynch, que rebaixou o banco de “compra” para “neutro”. O dólar fechou estável, vendido a R\$ 3,845 – ou 0,12% menos do que valia ontem. O risco país, por sua vez, subiu 2,47%, para 2.275 pontos.

rmonteiro@jb.com.br

